



O SOFRIMENTO COM OS CONFLITOS

Em dezembro do ano passado, com a divulgação do resultado das eleições presidenciais do Quênia, teve início uma intensa onda de protestos, que deixou o país em chamas, enfrentando a pior violência dos últimos tempos. Tudo começou quando a Comissão Eleitoral deu a vitória ao presidente, Mwai Kibaki, reeleito para um segundo mandato de cinco anos. O principal candidato de oposição, Raila Odinga, contestou o resultado, alegando fraude.

País africano que tem por tradição formar grandes atletas, como Paul Tergat e Robert Cheruiyot, o Quênia ocupou as manchetes nos últimos meses devido aos conflitos entre as diversas etnias que o formam. Desde então, mais de 300 mil pessoas tiveram de abandonar suas residências e mais de mil mortes foram registradas.

Entre os mortos, estava o corredor Lucas Sang, que participou das Olimpíadas da Coréia, em 1988, na prova de 400 metros. Ele apanhou até a morte no auge da rebelião. Em seu sepultamento apareceram diversos companheiros das pistas, como Lucas Kibet, atual campeão da Maratona de Viena, que também havia sido atacado.

“Nossos atletas, que estavam no Quênia em janeiro, passaram por apuros quando faziam um treino de 15 km. Após meia hora de corrida, tiveram de voltar porque passaram por uma área de conflito. Conversamos por telefone e pedimos para que fossem para locais seguros”, conta Jorginho, da Athletic Sports-Luasa.

Coquinho também teve de administrar o lado emocional de seus atletas aqui no Brasil. “Vi vários deles chorando. E eu também sou muito emotivo, sofri com tudo isso. Mas mantivemos o foco, oferecendo condições para que os corredores falassem diariamente com suas famílias no Quênia.”

Devido aos tumultos nas ruas, duas competições organizadas pela Federação Queniana, em janeiro, foram canceladas. Toby Tanser, fundador da organização de caridade Shoe-4-Africa, que busca ajudar países africanos em conflito, explica que mais de 80% dos principais corredores quenianos pertencem à tribo Kalenjin, um grupo étnico que, em sua maioria, apoiou o candidato da oposição ao governo do país, Raila Odinga, da tribo Luo, que se concentra principalmente no oeste do país e nas favelas de Nairóbi. O presidente reeleito, Mwai Kibaki, é ligado à etnia Kikuyu.

A violência generalizada também levou ao fechamento de vários centros de treinamento, inclusive o de Rift Valley, onde treina parte da elite de corredores quenianos, que ficaram limitados aos treinamentos dentro de bases militares. Os proprietários dos centros tiveram de levar os atletas para locais seguros, como Nairobi ou mesmo a Europa. David Okeyo, Secretário Geral da Federação Queniana de Atletismo e chefe da delegação do país nas Olimpíadas de Pequim, acredita que haverá conseqüências na performance dos atletas nos Jogos.

Em fevereiro, as duas principais facções políticas do Quênia assinaram um acordo para pôr fim à crise do país. O ex-secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, atuou como mediador.